

CAMINHOS DE MUDANÇAS SINTÁTICO-SEMÂNTICAS NO PORTUGUÊS ARCAICO

ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA
Universidade Federal da Bahia

0. PRELIMINARES

A difusão lexical da mudança fônica voltou a primeiro plano na Lingüística Histórica com o artigo de W. Wang de 1969 que, mais uma vez (lembro-me das reações dos dialetólogos do século XIX), balançou a teoria neogramática sobre o caráter "lexicalmente abrupto" embora "foneticamente gradual" das mudanças fônicas. Os que têm acompanhado as discussões teóricas sobre o tema conhecem a revisão laboviana de 1981, em que passa a admitir mudanças do tipo neogramático e do tipo difusionista, resumidas por ele próprio no seu texto-resenha de 1982 (p.65). Conhecem também a posição definida como radical do Coordenador desta Mesa, Marco Antônio de Oliveira, para quem não há mudanças fônicas do tipo neogramático, embora possa haver resultado desse tipo em mudanças de longo alcance (1988:15).

Labov tem então razão quando afirma, referindo-se aos trabalhos difusionistas chineses, liderados por Wang, que "a aceitação tradicional calma da regularidade da mudança fônica pode ser mantida apenas se se ignorar esses lingüistas e seus resultados" (1981:269).

A polêmica já está posta na mesa, portanto, há mais de dez anos. Centrou-se, como era de prever - já que são o ponto ainda mais forte da Lingüística Histórica - nas mudanças fônicas.

C. Mollica na sua tese sobre variação sintática, no momento em que aborda o problema do "queísmo"/"de queísmo" sob a luz difusionista deixa isso, com propriedade, bem claro ao afirmar que "os estudos difusionistas trabalham com fenômenos fonológicos predominantemente" (1989:268) talvez porque outros tipos de mudança fossem assumidos como difusionistas, veja-se, por exemplo, a afirmação de Wang (1969:14), para quem mudanças não-fônicas (lexicais, morfológicas, sintáticas) não são

“obviamente” (é dele o qualificador) do tipo “lexicalmente abruptas”.

Já em meados de 70, Naro e Lemle, no artigo “Syntactic diffusion”, propõem, mencionando a motivação difusionista provocada pelo trabalho dos lingüistas chineses, um modelo para o processo de difusão de mudanças sintáticas, a partir da análise de aspectos da perda da marca de concordância no português, em que “o princípio da saliência” está na base do processo da implementação da mudança: a concordância é menos provável precisamente naquelas formas em que sua ausência seria menos saliente (1977:262).

Entretanto a questão da mudança difusionista versus abrupta também divide os estudiosos da mudança sintática. Basta lembrar, por exemplo, que os seguidores da “deriva” sapiriana e os sociolingüistas quantitativistas, estes, tanto ao tratar das mudanças em curso como das de longa duração, defendem a implementação difusionista da mudança. Destaque-se que o “transition problem” é dos pontos fortes da teoria laboviana. Por sua vez as “reestruturações” abruptas para eliminar “opacidades” sintáticas fundamentam teorias formais da mudança. Mesmo que seus seguidores admitam os dados históricos que indicam a implementação gradual, essas são interpretadas como mudanças discretas nas estruturas gramaticais subjacentes. Lembro-me aqui, por exemplo, dos trabalhos de sintaxe diacrônica de D. Lightfoot, o primeiro de 1979.

No todo da questão o que transparece unicamente como fato óbvio (recupero o qualificador de Wang), a meu ver, é que as teorias para a mudança refletem, diretamente, as teorias lingüísticas que formam e informam seus autores e não haveria de querer-se outra coisa, em nome da coerência científica. Se um dia confluírem as teorias, um novo período de calma (recuperando o qualificador de Labov) poderá vir a existir nas hostes da Lingüística e, conseqüentemente, da Lingüística Histórica, se, nesse tempo, essa última ainda precisar de ser adjetivada.

Nesta exposição reúno dados de que disponho sobre pontos em variação e mudanças em curso no período arcaico do português (sécs. XIII-XV), como contribuição à história da língua portuguesa, pouco pensada e estudada nas últimas décadas. Adianto, entretanto, que os pontos observados mostram que as variações e mudanças, nelas, caminham por estruturas determináveis no percurso cronológico observado.

Os fatos de que tratarei não são estritamente sintáticos; se quiser ser estruturalmente rigorosa e estilisticamente rebarbativa direi que são morfossintático-léxico-semânticos. Informarei sobre:

1. a variação de **ser** e **estar** e o avanço deste em estruturas atributivas;

2. a variação de **haver** e **ter** e o avanço deste em estruturas possessivas;
3. a variação singular/plural e a perda da marca de concordância no "particípio passado" em estruturas com **haver/ter** analisáveis como "tempo composto";
4. a variação singular/plural na forma verbal e sua relação de concordância com o sujeito do verbo¹.

O meu ponto de partida é uma análise extensiva que realizei sobre documento da 2ª metade do século XIV (1989), daí verifico os fatos em documentação da 1ª e 2ª metades do século XV. A dimensão cronológica das questões tratadas abrange o português literário, em prosa, trecentista e quatrocentista.

Vale chamar atenção para o fato de que os estudos lingüísticos empíricos sobre o português arcaico dispõem de documentação de três tipos: documentos jurídicos ou notariais, documentos literários poéticos, documentos literários em prosa. Não se dispõe para o período arcaico de documentação qualificada hoje de "menos formal" como sejam: textos de natureza dramática, cartas particulares, documentação que começa a aparecer no século XVI, por razões históricas conhecidas. Assim sendo, considero que para os estudos sintático-semânticos é a documentação literária em prosa a mais rica para uma aproximação histórica, estando-se, contudo, sempre consciente de que se está trabalhando sobre texto escrito, na maior parte dos casos traduzidos de outras línguas (latim, castelhano, francês...) e que as informações aí apreendidas são apenas pistas ou rastros para o que seria o português falado de então.

Vale ainda chamar atenção para um aspecto de questão cronológica: os manuscritos medievais portugueses disponíveis, quer de poesias quer da prosa literária, não são originais, são cópias mais ou menos contemporâneas a sua data de origem. Este fato exige que a história interna de cada texto seja conhecida, para que não se tirem conclusões apressadas sobre a datação dos fenômenos lingüísticos pesquisados.

Outro fato significativo e que hoje precisa ser recordado é o de que para a seleção de qualquer **corpus** que represente o português na sua fase arcaica se faz necessário que se avalie previamente a edição com que se trabalhará porque há, na tradição filológica, edições que podem ser úteis a historiadores e estudiosos da literatura, mas que podem estar prejudicadas para estudos de línguas, já que seus editores interferem, mais ou menos, sem esclarecer, nos dados lingüísticos dos manuscritos que editam.

A seleção da documentação quatrocentista aqui analisada foi

condicionada pelas edições acessíveis e de credibilidade e também pela dimensão dos textos².

1. SER E ESTAR EM ESTRUTURAS ATRIBUTIVAS

O português opõe semanticamente os verbos **ser/estar**, daí a procedência de considerá-los não como verbos-cópula, mas verbos predicadores; assim os analisa MATEUS *et alii* (1983:138):

a oposição **ser/estar** é uma das formas de que o português dispõe para exprimir a distinção entre predicadores de propriedades de individuais e predicadores de propriedades de manifestações temporalmente limitadas de individuais.

Essa distinção semântica que, daqui por diante, designarei, por mais simples, de “permanente” versus “transitório” não estava estabelecida no período arcaico do português.

Um leitor de hoje e pouco rigoroso de textos arcaicos poderá supor que o verbo **ser** cobria o campo de **estar** nas estruturas atributivas; outro, mais rigoroso, poderá supor que os dois verbos variavam, e não estaria errado, nessas estruturas, mas ambos perceberiam que a oposição acima descrita não existia.

Frases como as seguintes mostram isso:

- (A) (1) Dementre no **mundo era** DSG 2.1.4
- (2) Cousas que **derredor estavam** DSG 3.1.9
- (3) **Seendo** o honrado padre **en sa cela** DSG 2.7.2
- (4) O servo de Deus **estando en sa cela** DSG 2.11.3
- (B) (5) As sas duas irmãs que **eran mui coitadas** pola sa morte, veeron ao bispo DSG 1.29.7
- (6) **Estando** hũũ dia seu padre e os físicos mui **coitados** com eles, disse-lhis o bispo ... DSG 4.10.56
- (7) Ca as donas que enton **presentes foron**, contarán-no aas outras DSG 4.11.27
- (8) Fez sa oraçon **estando el-rei presente** DSG 3.37.6

No grupo (A) estão estruturas que denomino de atributivas locativas, no (B), estruturas atributivas descritivas,.

Observando-se esses exemplos, pode-se marcar o atributo quer

locativo quer descritivo com o traço semântico [+ transitório] e é neles que a variação **ser/estar** ocorria, já que nos atributos marcados como [+ permanente] é o verbo **ser** o predicator. Excluí desta exposição outros verbos correlatos que ocorriam nessas distribuições, tais como: **andar, jazer, ficar, tornar, máer, permanecer** (cf. MATTOS e SILVA, 1987 e 1989).

A análise das ocorrências de **ser, estar**³ e verbos correlatos, considerando, inclusive, sub-grupos semânticos nos atributos transitórios e permanentes, em extenso documento da 2ª metade do século XIV (DSG), informou, em síntese que:

- . **ser** predomina nas locativas, com pequena diferença para **estar**: 52.8% : 47.2%;
- . **estar** já predomina sobre **ser** nas locativas transitórias: 70.7% : 29.3%;
- . **ser**, marcadamente, predominava nas descritivas, tanto permanentes como transitórias, em relação a **estar** 92.2% : 7.8%.

Esses dados permitiram levantar a hipótese de que a marca [+ transitório], expressa por **estar**, se firmou primeiro nas atributivas locativas que nas descritivas.

A observação em **corpus** da 1ª metade do século XV (CDP) apresentou os seguintes resultados (SEPÚLVEDA NETTO, 1989):

	SER	ESTAR
LOC. [+ transitório]	26.2%	73.8%
DESC. [+ transitório]	77.8%	22.2%

Os dados indicaram que a mudança que resultou na oposição semântica entre **ser** e **estar** em estruturas atributivas ainda estava em curso: **estar**, expressão de atributos transitórios, continuou a crescer nos locativos e avançou nos descritivos. Observado um pequeno **corpus** de 1540 (DVV), a autora verificou que, um século depois, nos locativos só ocorre **ser** uma vez e que, nos descritivos, só ocorreu **ser** uma vez em tradução de texto latino citado que tem como predicator o verbo **esse** (Ibid.: 85).

Esses dados dos séculos XIV, XV e XVI são indicadores de que a mudança que levou à oposição semântica **ser/estar** em estruturas atributivas estava concluída no século XVI e que se difundiu dos contextos locativos para os descritivos.

Vale recordar que na sua história pregressa **estar** tem como étimo **stāre**, 'estar de pé' - e nessa acepção está documentado no português pelo menos até fins do século XVI, enquanto **ser** tem uma história complexa de convergência dos verbos latinos **sedere**, 'estar sentado' - nes-

sa acepção ainda em uso pelo menos até fins do XIV, e **esse**, 'ser'. Esse facto permite sugerir que o traço [+ transitório] é próprio, desde a sua origem a **estar**, enquanto em **ser** confluem o [+ transitório] de **sedere** e o [+ permanente] de **esse**. Não é sem razão histórica, portanto, que definida a oposição no português foi **estar** o verbo escolhido para expressar a transitoriedade, ou seja, a propriedade de individual temporalmente limitado. Em termos labovianos, talvez se pudesse dizer, transferindo da fonologia para a semântica, que é esta uma mudança "encaixada" na estrutura, vista essa numa dimensão histórica secular.

2. HAVER E TER EM ESTRUTURAS POSSESSIVAS

O leitor atual de textos do português arcaico percebe que tanto **ter** como **haver** eram utilizados com o traço semântico de posse. Ocupavam, portanto, a posição de predicado em estruturas sintáticas semanticamente possessivas; variação que não existe no português atual já que **haver**, hoje, não ocupa mais essa posição por não portar mais o traço semântico referido.

A análise das ocorrências de estruturas com **haver/ter** em **corpus** da 2ª metade do século XIV (DSG) permitiu-me precisar o uso de **haver** e **ter** naquela sincronia. Um dado primeiro, significativo, foi a alta frequência de **haver** sobre **ter** (803: 119 ocorrências) (MATTOS e SILVA, 1989:587-95).

Quanto às estruturas de posse atestei que a variação na seleção de **haver** ou **ter** estava condicionada à natureza semântica do complemento do verbo, o "objeto possuído". Defini então três tipos semânticos para o complemento:

- . qualidades inerentes, não transferíveis, tais como características ou estados físicos do "possuidor", sujeito da frase (abrev. QI);
- . qualidade adquiríveis imateriais: morais, espirituais, intelectuais, afetivas, sociais (abrev. AI);
- . objetos materiais adquiríveis, externos ao possuidor (abrev. AM).

Os dados encontrados para o séc. XIV, a partir dos tipos descritos se resumem em:

- . no tipo QI, só ocorria **haver** (**haver barvas, ceguidade, cinquenta anos...**);
- . nos tipos AI e AM, **haver** e **ter** pareceram variar, com predominância de **haver** para AI e de **ter** para AM:

	HAVER	TER
AI	80%	18%
AM	20%	82%

Examinando-se item a item do léxico que compõe esses complementos, verificou-se, com surpresa, que **ter** na estrutura AI só ocorre com o complemento **fé: ter fe**, a par de **aver fe**, enquanto **haver** vem seguido de mais de 20 itens, por exemplo: **fe, graça, poder, poderio, ira...** Esse dado indicou que a variação **haver/ter**, neste momento, ocorria, de fato, nas estruturas do tipo: AM, em frases, como, por exemplo:

- (9) Pode logo **aver** aprestidados **logares** 2.3.55
- (10) Todos aqueles **logares** **têe** os lombardos 3.12.18
- (11) Ele non pode **aver** **remedio** 1.5.53
- (12) Ele **tiinha** sas **meezínhas** 4.46.8
- (13) **Ovelhas** que el **avia** 3.16.3
- (14) Acharon hũu homen **teer** **hũu** **carneiro** 3.23.11

Observados os mesmos fatos em **corpora** do séc. XV, verificou-se, cronologicamente:

- a. em texto situável entre 1410-1420, cópia do ms. trecentista (LRR)
 - QI: sempre **haver** (**aspeito, sembrante**);
 - AI: sempre **haver** (**cuidado, nome, força, siso ...**), com a exceção de **ter filho** que varia com **haver filho**;
 - AM: variam **haver** e **ter** (**haver guarda, ter castelo ...**).

Situação, portanto, análoga ao DSG trecentista, confirmando que só no contexto do tipo **AM** **haver** **ter** variavam e, excepcionalmente, em AI.
- b. em texto escrito entre 1418-1442, mas ms. dos fins do XV (CDP):

Haver e **ter** variam nos três tipos observados, inclusive QI, mas em todos predomina **haver** sobre **ter** (p.ex.: QI: **haver vista, teer voz**; AI: **haver paz, ter bem**; AM: **haver guerra, ter serviço**).
- c. em texto de 1468-1477 (IC):

A situação aí documentada confirma a anterior, acrescenta que **ter** já predomina sobre **haver** nas três estruturas (p.ex.: QUI: **ter** oolhos; AI: **haver** paz, **ter** paz; AM: **haver** nêhũa cousa, **ter** cousas).

Desses dados se pode inferir que **haver/ter** em estruturas possessivas variavam, como descrito, no português arcaico, predominando primeiro **haver**, mas já na 2ª metade do séc. XV **ter** e que a difusão de **ter**, que exclui **haver** dessas estruturas, parte dos contextos do tipo AM para os de tipo AI e, por fim, atinge os de tipo QI, estruturas essas em que, semanticamente, pode-se interpretar, **haver** é antes predicador de atributo que um "transitivo" com o traço semântico de posse.

A história semântica progressiva dessas formas sugere o curso dessa mudança. No latim, o verbo básico para a expressão da posse é **habere** e segundo Gaffiot (1934, s.v. habere) a sua aceção primeira é "ter em sua posse", "guardar" e subsequente, considera, entre os usos figurados "ter na mão"; enquanto **ter** (Gaffiot, 1934, s.v. tenere) tem como aceção básica "ter algo na mão", "obter"; outras aceções secundárias são "manter", "reter" etc. Já havia no latim, portanto, a intersecção semântica entre **habere/tenere** na expressão de algo concreto, "ter na mão". Na história documentada do português os seus continuadores já aparecem em variação nesse sentido, desde momento recuado, como vimos; daí **ter** se difundido para os outros contextos, enquanto **haver** vai se especializar como verbo existencial, à medida que **ser** deixa de ser o verbo para a expressão desse conteúdo. O processo de mudança de **haver** "de posse" para "existencial" já está documentada no chamado "latim vulgar", segundo Grandgent (1952:27-8) nos séculos IV e V, concorrendo já então com **esse** ...

Mas isso já é outra história, embora a esta interrelacionada, do mesmo modo que dessa história participa a expansão atual de **ter** para o "existencial", perdendo **haver** também nessa aceção e estrutura para **ter**. Essas últimas referências são um chamado para o fato de que, na história do português, **haver**, **ter**, **ser**, **estar** estão interligados nas estruturas possessivas, atributivas e existenciais.

Voltando para o **haver/ter** cuja difusão esbocei, pode-se dizer que essa mudança que se processava no período arcaico já vinha prefigurada ou "encaixada" na estrutura latina e se definiu pelos caminhos traçados desde as origens históricas do português.

3. HAVER E TER EM ESTRUTURAS DE "TEMPO COMPOSTO"

Neste ponto levarei em conta não só os dados dos meus trabalhos (1981, 1989) mas também o de A. Naro e M. Lemle (1977). Não tratarei aqui da comutação **haver/ter** em estruturas com particípio passado, como no anterior nas de posse. Vale, entretanto, dizer que os dois verbos variam neste contexto no período arcaico (MATTOS e SILVA, 1981:98), sem que se possa afirmar que já então **ter** predomina sobre **haver**, mas sim que as ocorrências de **ter** cresciam em relação a **haver** do séc. XV para o XVI (NARO e LEMLE, 1977:267).

O problema aqui em foco é: no período arcaico, estruturas como as transcritas abaixo indicam que o particípio passado (PP) é adjetivador do complemento direto (CD) de **haver/ter**:

- (15) **todos bêes** que mh'á feitos DSG 4.32.8
- (16) **aquelas cousas** que **ten aparelhadas** DSG 2.16.26
- (17) e depois que toda **sua companha** **ouve concertada** LRR XI. 74-75
- (18) e, tanto que ele **teve guisado** [todo], foi-se espedir del rei LRR V. 160-107
- (19) e non soamente d'os [serviços] que faziam a ele, mas **os que aviam feitos** a sua padre CDP 1.50
- (20) e non ousarom d'entrar na camera por **a defesa** que el-rrei **tiinha posta** CDP 7.50

Nesses exemplos da 2ª metade do século XIV (DSG) e da 1ª metade do século XV (LRR e CDP), **haver/ter** são "verbos principais" de posse e não são analisáveis como "auxiliares", e o adjetivo-PP é constituinte do SN complemento direto; o PP, portanto, não é constituinte do SV. Nesse mesmo conjunto de textos, na LRR, aparecem as ocorrências seguintes que são interpretáveis como **haver/ter** + PP, "tempo composto":

- (21) E a molher do conde, que já **havia sabido** [e não **sabida**] de sua filha **toda sua fazenda** LRR VIII. 15-16.
- (22) E non sabedes vós quanto afam e trabalho **ayades tomado** [**não tomados**] e quantas espadadas e seetedas **havedes levadas** LRR X. 13-14.

Exemplo do mesmo tipo Naro e Lemle encontraram na **Crônica de d. João I**, de Fernão Lopes, do mesmo autor, portanto, da CDP dos exemplos (19) e (20):

(23) a que todo o reino **tinha feito menagem** de o receber por senhor CDJ I.209

(24) a **menagem** que por o lugar **tinha feita** CDJ I.173

Esse exemplos de variação na concordância do PP com o CD são evidências de que já então conviviam as duas estruturas: a inovadora, em que **ter/haver** são reanalisados como “verbos auxiliares”, constituindo com o PP o SV e a antiga, de origem latina, em que **haver/ter** são “verbos principais” transitivos e o PP é Adj. e não V, estrutura que ocorre até hoje também:

(25) Eu **tinha as cartas escritas** quando ele chegou.

(26) Eu **tinha escrito** as cartas quando ele chegou.

Esta reanálise estrutural complexa já teria ocorrido, senão antes, pelo menos na 1ª metade do século XV. Naro e Lemle (1977:265) afirmam que já é do século XIV, a partir de dados do **Orto do Esposo**, datado de 1385; entretanto a documentação trecentista que descrevi (DSG) não apresenta nenhuma estrutura desse tipo. Contudo, esse texto deve ser mais recuado naquele século. Meus dados, portanto, não desmentem Naro e Lemle.

Como teria se difundido essa mudança?

É preciso reter que na estrutura mais antiga o CD não tem posição fixa, pode preceder, suceder e estar entre **haver/ter** e o elemento participial, também o CD pode ser \emptyset ; **ter/haver** podem também preceder ou suceder o PP. No **corpus** trecentista e quatrocentista que analisei (1980:101) as seguintes distribuições ocorrem, com as freqüências abaixo:

TIPO	1	2	3	4	5	6
DISTR.	t/h+PP+CD	t/h+CD+PP	CD+t/h+PP	PP+t/h+CD	CD+PP+t/h	t/h+PP
OCOR.	21	15	94	2	4	17

Observem-se nesses dados que as distribuições mais freqüentes são a 3, em que CD é um relativo, sem marca de gênero e número; a 1, em que CD sucede t/h+PP; e a 6, em que o CD é \emptyset . Naro e Lemle (1977:266) analisam e quantificam as distribuições do tipo 1, 2 e 3 da tabela acima. Relacionando essas distribuições e a freqüência da não-concordância do PP mostram que isso se dá mais freqüentemente em 3, seguindo-se 1; 2 não é afetado pela mudança já que essa estrutura se mantém até hoje (cf. exs. 25 e 26).

Os dados permitem supor que, no que se refere à difusão da

mudança nas estruturas sintagmáticas, a perda da concordância do PP e, conseqüentemente, sua análise como PP-verbal e não ADJ, partiu dos contextos em que a concordância não é “saliente”, considerados “mais salientes” aqueles em que CD, sintagma nominal, precede t/h e PP (Naro e Lemle, 1977:266).

Conjugando os meus dados e reflexões com o dos autores referidos se pode propor que a difusão da mudança foi favorecida pela estrutura na distribuição sintagmática já existente na língua em que FP fica sem marca de concordância já que CD pode ser masculino e singular e também pela estrutura em que CD é “vazio”, recuperável como pronome neutro do tipo **isto, tudo**. Esse contexto se mostrou freqüente nos meus dados (tipo 6), em enunciados como:

(27) seu neto mandara pedir ajuda segunda antes **avemos con-**
tado CDP 19.14-15

(28) morto el-rei como **avees ouvido**, reinou seu filho CDP 1.3

(29) tanto que el **teve guisado**, foi-se espedir LRR V. 106-107.

Nos contextos em que PP pode ser flexionado por concordância com o CD pode-se supor que a difusão percorria o seguinte curso no séc. XV:

- a. Contextos em que CD está preenchido pelo relativo, não marcado em gênero e número: nos dados de Naro e Lemle há 31.6% de casos nessa distribuição sem marca de concordância no séc. XV, mas \emptyset no XIV; os meus reforçam a significação desse contexto: o mais freqüente;
- b. contextos em que CD sucede **haver/ter**, distribuição própria ao “tempo composto”: os dados de Naro e Lemle indicam, para o século XV, 17.7% de casos em que a perda da concordância está documentada e \emptyset para o XIV; nos meus dados essa estrutura é a segunda em freqüência (cf. tabela anterior).

Os dados também informam sobre a difusão a depender da classe do verbo. A mudança atuou primeiro nos PP transitivos, como aliás não poderia deixar de ser, já que o CD que antes era complemento de **ter/haver**, verbo principal, passa a ser do SV, que terá como “verbo principal” PP, necessariamente, portanto, transitivo. Os dados que analisei, sécs. XIV e XV, identificaram 63 itens verbais-PP todos transitivos. Naro e Lemle quantificam a difusão de transitivo para o intransitivo do séc. XIV para o XVI; 2% de intransitivo no séc. XIV para 10% no séc. XV e 17% no XVI (p.267, Q10).

Possivelmente outros fatores tanto lingüísticos como sociolingüísticos (já Naro e Lemle observam a difusão dos transitivos para intransitivo em textos que consideram menos ou mais formais) entraram nessa história complexa. Ficam aqui essas pistas para futuras escavações.

4. A VARIAÇÃO NA CONCORDÂNCIA VERBO-NOMINAL

Neste tópico quero apenas chamar a atenção para o fato de que a concordância verbo-nominal, embora seguisse a regra geral sujeito singular/verbo singular, sujeito plural/verbo plural, apresentava-se já facultativa em alguns contextos. Observei isso no **corpus** trecentista dos DSG (1989:488-507; e 1986). Este problema é claro deverá ser estudado em outros **corpora** do período arcaico. Conquanto fuja ao tema da difusão, próprio a esta Mesa, está relacionado ao tópico anterior e indica que não era a concordância facultativa apenas entre PP e CD. Naro e Lemle, ao discutirem o tópico anterior, dizem que esta variação na concordância PP/CD é uma peculiaridade aparentemente não partilhada com as regras de concordância naquele período (1977:226).

Os dados trecentistas mostram haver variação na concordância verbo-nominal por interferência, pelo menos, do fator distância entre sujeito e verbo, posposição do sujeito, tipo de sujeito e de fator semântico, como uma interpretação singular ou plural para o sujeito. Considerarei, aqui, sumariamente, estruturas com sujeito simples (a), com sujeito composto (b), com sujeito expresso por substantivo coletivo (c).

a. Sujeito simples

(30) **A maldade** dos que ficam no mundo **mereceron** que aqueles que poderiam profeitar aos outros saian-se do mundo. 3.37.98

(31) Ca a homildade grande do **homem bõõ**, que queria que os seus bõõs feitos sejam ascondudos, esto **deven** a querer ... 1.17.31

Nessas duas ocorrências a concordância regular não se faz pela interferência do complemento plural do sujeito (30) e no (31) **deven**, distante de **homen bõõ**, leva a marca do plural talvez não só por isso, mas por ser interpretado com o sentido genérico plural.

b. Sujeito composto:

(32) E aos braados **veo o bispo e todos aqueles** ... 1.19.8

Neste caso o sujeito é composto e posposto; o verbo está no singular. J. HUBER (1933: 5446) já chama a atenção para esse tipo de concordância com sujeito posposto composto. No **corpus** que analisei, a posição do sujeito simples não interfere na regra geral.

Quando o sujeito é composto de nominais parassinônimos a concordância é variável tanto quando o sujeito é anteposto (33), (34) como posposto (35), (36):

- (33) **O sabor do luxurioso e o prazer he** vermen e fedor 4.34.18
- (34) **A mancebia e o deleito son** cousas vãs 4.4.21
- (35) Ei razon de me creceren **lagrimas e door e choro e amargura** 1.1.22
- (36) E pelas moradas dalgũus a que **tangia a nevoa e o fedor** 4.34.15

Também varia se o sujeito composto parassinônimo está representado pelo relativo que introduz a sentença encaixada:

- (37) **A nevoa e o fedor** que do rio **recudia** 4.34.15
- (38) E pelas moradas daqueles outros a que non podia atanger **a nevoa e o fedor** que do rio **recudian** DSG 4.34.19

Os exemplos utilizados, intencionalmente, mostram que a variação ocorre não apenas quando a marca de plural do verbo é o traço nasal, representado no ms. ou por til ou por **m, n**.

c. Sujeito coletivo:

Huber (1933:544) afirma que se o sujeito é coletivo, o verbo vai para o plural. Observei que nesse caso também variava a concordância e que algumas condições favoreciam a escolha da forma verbal:

- . se contígno, anteposto ou posposto, o verbo está no singular:
 - (39) E todo o **poboo se ajuntou** pera veer 3.12.7
 - (40) Nen er **ficou gente nen hũa** 3.9.15
- . a maior distância entre sujeito e verbo favorece a variação:
 - (41) Toda aquela **companha** dos spiritos maa **desapareceu** 3.8.21
 - (42) Idolo a que o **poboo** sandeu de toda aquela terra **fazian honra come a Deus** 2.8.44

- (43) E daquela medês dá testemunho todo o **poboo** que enton **era** naquela cidade 3.12.13
- (44) Húa mui gram rua em que morava muita **gente que** primeiramente **oraran** os idolos 2.19.2
- (45) **Companha** grande dos lombardos **que veeron** veer a morte do santo 3.37.65
- (46) **Gente** dos lombardos **que era** mui cruevil **usou** de toda sua crueza 3.37.123
- (47) E mandou que toda a outra **gente que soia** andar con el que **fossen** con el e **levassen** boas vestiduras 2.14.7
- (48) E a **gente** muita que **estava** na eigreja e **querian** fugir e non **avian** per u e **temian** que durasse ali tanto aquela agua que **morressen** de fame e de sede e **bevian** daquela agua 3.20.9

Em (41), (42) entre o sujeito e o verbo está um sintagma complemento; em (43) e (44) o sujeito coletivo está representado pelo relativo sujeito, está o verbo em sentença encaixada; em (45) e (46) entre o sujeito e o verbo estão sintagma complemento e o **que** relativo, referente ao sujeito coletivo; em (47) e (48) o verbo está no singular na relativa contígua ao sujeito coletivo e no plural nas mais distantes.

Tais dados são indícios de que já no período arcaico a posição e a distância do sujeito em relação ao verbo, além de fatores semânticos, são favorecedores à variação na concordância verbo-nominal. Tais informações históricas podem contribuir para os estudos sincrônicos sobre variação/mudança nas regras de concordância do português contemporâneo.

Não considero mais que sondagens os estudos aqui apresentados. Exigem pesquisas mais extensivas e aprofundadas que comprovem ou não, mas enriqueçam e tornem mais preciso o conhecimento do português nos caminhos da sua história”.

NOTAS

- Os dados que discutirei estão já divulgados em artigos de minha autoria (1981, 1986, 1987, 1987) e nas **Estruturas trecentistas** (1989); também em dissertação de Mestrado orientada por mim (SEPÚLVEDA NETTO, 1989).
- Os textos base dos estudos mencionados na Nota 1 e aqui são em ordem cronológica:

- . 2ª metade do séc. XIV - **A mais antiga versão portuguesa dos 'Quatro Livros dos Diálogos de São Gregório'**. Edição crítica de R.V. MATTOS e SILVA. Tese de Doutoramento. São Paulo, USP, 1971. Mimeo. (Aceita para publicação em 1983 pela IN-CM, Lisboa). Abrev. DSG.
 - . 1ª metade do séc. XV:
 - **A lenda do rei Rodrigo**. Edição crítica de L.F. LINDLEY CINTRA. Lisboa, Ed. Verbo, 1964. Abrev. LRR.
 - **A crônica de d. Pedro de Fernão Lopes**. Edição crítica de G. MACCHI. Roma, Ed. Atheneo, 1966. Abrev. CDP.
 - . 2ª metade do séc. XV:
 - **A linguagem da Imitação de Cristo**. Edição crítica de I.V. CEPEDA. Lisboa, CEF, 1962. Abrev. IC.
 - . 1ª metade do séc. XVI:
 - **Diálogo da Viciosa Vergonha de João de Barros**. Edição crítica de M.L. BUES-CU, in **Gramática da língua portuguesa**. Lisboa, Faculdade de Letras, 1971, Abrev. D.V.V.
3. Como ilustração, nos DSG, para 1648 ocorrências de **ser**, há 238 de **estar**, em todas as suas possibilidades estruturais.
4. Tenho pronto um projeto, encaminhado ao CNPq, sobre **Variação e mudança no português arcaico**, cujo objetivo é retomar esses tópicos, além de outros, com base em *corpus* do séc. XIII ao XV e com pretensão de confrontá-lo com *corpus* do português contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GAFFIOT, F. (1934) **Dictionnaire illustré latin-français**. Paris, Hachette.
- GRANDGENT, C.H. (1952) **Introducción al latin vulgar**. Madrid.
- HUBER, J. (1933) **Altportugiesisches Elementarbuch**. Heidelberg, Carl Winters Universitätsbuchhandlung.
- LABOV, W. (1981) Resolving the neogrammatian controversy. **Language**, 57 (2):267-308.
- . (1982) Building on empirical foundations: In: LEHMANN, W. & MALKIEL, Y. (eds) **Perspectives on historical linguistics**, Amsterdam/Philadelphia, J.B.P. Company. p.17-92.
- LIGHFOOT, D. (1979) **Principles of diachronic syntax**, Cambridge, CUP.
- MATHEUS, M.H. et alii (1983) **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra, Almedina.
- MATTOS e SILVA, R.V. (1981) Um aspecto do auxiliar no português arcaico. **Tulane studies in Romance Languages**, (10):93-109.

- _____. (1986) Contribuição para a leitura crítica de textos medievais portugueses: sintaxe e grafia. In: **Actes** du Colloque de Critique Textuelle Portugaise, Paris, Gulbenkian. p.85-98.
- _____. (1987) **Ser, estar, jazer, andar** no português trecentista. **Arquivos** do Centro Cultural Português (XXIII). Lisboa/Paris, Gulbenkian. p.31-47.
- _____. (1987) **Ter** ou **haver** em estruturas de posse (Entregue para publicação em Miscelânea em homenagem a C.F. da Cunha). 17p. dat.
- _____. (1989) **Estruturas trecentistas**. Lisboa, IN-CM.
- MOLLICA, M.C. (1989) **Queísmo e dequeísmo no português do Brasil**. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro, UFRJ.
- NARO, A. & LEMLE, M. (1977) Syntactic diffusion. **Ciência e Cultura**, 29 (3):259-68.
- OLIVEIRA, M.A. de (1988) The neogrammarian controversy revisited. 20p. dat.
- SEPÚLVEDA NETTO, M.S. (1989) **Ser/estar: um estudo de variação e mudança em curso no português antigo**. Salvador, UFBA. Dissertação de Mestrado.
- WANG, W. (1969) Competing sound changes as a cause of residue. **Language**, (45):9-25.